

08



Formação de professores de história: reflexões, práticas e relatos

Terezinha Maria Bogéa Gusmão

DOI: 10.47573/aya.5379.2.100.8

RESUMO

Em um contexto social de profunda crise de valores, atitudes e distorções ideológicas, destaca-se o papel do professor de História, que busca novos recursos e práticas pedagógicas. O professor pode ajudar a sociedade usando o ensino de História como instrumento de luta e transformação social, levando os alunos a criticidade dos fatos, observando-os de maneira mais crítica e reflexiva. A postura desse tipo de professor assume papel, sobretudo, político e social, nos fazendo compreender a sua importância e do ensino de História na educação básica. Diante dos desafios e das necessidades do professor de História de Arari-MA, principalmente neste momento pandêmico, onde o Novo Coronavírus surpreendentemente fez o docente se reinventar e superar alguns limites é que consideramos relevante para esta pesquisa compreender quem é e o que pensa esse docente acerca da sua profissionalidade, atrelando-o ao processo de formação continuada que deve promover debates e mudanças em sua prática pedagógica.

Palavras-chave: professores. ensino de história. práticas.

ABSTRACT

In a social context of deep crisis of values, attitudes and ideological distortions, the role of the History teacher, who seeks new resources and pedagogical practices, stands out. The teacher can help society by using the teaching of History as an instrument of struggle and social transformation, leading students to criticality of the facts, observing them in a more critical and reflective way. The posture of this type of teacher assumes a role, above all, political and social, making us understand its importance and the teaching of History in basic education. Faced with the challenges and needs of the History teacher of Arari, especially in this pandemic moment, where the New Coronavirus surprisingly made the teacher reinvent himself and overcome some limits, we consider it relevant for this research to understand who he is, what he thinks and what he does. This teacher about their professionalism, linking them to the process of continuing education that should promote debates and changes in their pedagogical practice.

Keywords: teachers.history teaching. practices.

INTRODUÇÃO

Para construirmos o corpo desta seção foi necessário a aplicação de questionários. Estes foram entregues a dezoito professores licenciados em História, dos trinta¹ que fazem parte da rede municipal de Arari-MA. No entanto, somente 15, entre os que estão em sala de aula, responderam os questionários, além de duas professoras afastadas por problemas de saúde. É utilizado na tessitura desta seção a letra P, para referir-se aos professores entrevistados e aos que responderam aos questionários,

A aplicação dos questionários para a coleta dos dados foi feita via WhatsApp, por causa da suspensão das aulas² e atividades presenciais desde março de 2020, sob determinação do

1 Dos trinta professores, onze não estão atuando no Ensino Fundamental Anos Finais. A rede municipal tem duas professoras atuando nas salas do Fundamental Anos Iniciais, sete professores que estão com desvio de função, duas professoras afastadas por causa da depressão e uma afastada para cursar o Mestrado Profissional em História, pela UEMA, em São Luís.

2 Especificamente se tratando do município de Arari, houve suspensão total das aulas, a partir de 17 de março de 2020. A decisão considerou algumas características do alunado, como a ausência, na grande maioria dos casos, de acesso à internet, celular ou computador.

MEC em todo o território brasileiro, devido à pandemia provocada pelo novo coronavírus. Essa mudou a forma de aplicabilidade dos questionários que deveria ter ocorrido de forma presencial, antecedida por um momento de roda de conversas com os entrevistados, sobre a temática Formação Continuada de Professores de História em Arari-MA. Uma das questões feita aos professores foi: professor, fale sobre o que pensa acerca das aulas remotas nesse momento de pandemia. Sente-se preparado para ministrá-las?

A resposta da professora P6³ expressa perfeitamente a visão dos demais professores, ao relatar que “[...] as aulas remotas não garantem a efetivação do processo de ensino e de aprendizagem, sobretudo pelas condições sociais e culturais”. Ela nos faz perceber que a clientela da rede municipal de Arari-MA em sua maioria é de baixa renda, que não tem condições de pagar internet, outros não têm celulares, nem computador que possam inseri-lo nessa forma de ensino, o digital. E levando em consideração a questão da cultura educacional em que o aluno está inserido, onde há todo um histórico de aulas e atividades presenciais, compreendemos que não foi fácil para ele ter que assistir aulas através de uma tela de celular ou de computar, no caso dos que dispunham desses recursos.

Assim, acentuou-se a exclusão no momento do pico da pandemia, em que a problemática da desigualdade social foi gritante e constrangedora na realidade da sala de aula. Soma-se a isso a tradição presencial de nosso ensino. Contabiliza-se também o excesso de atividades para professores e alunos, abrindo precedentes para reclamações de ambos e sem o retorno esperado. Até meados de abril de 2021, a rede municipal de Arari ainda não tinha um sistema online unificado para a ministração das aulas. Alguns professores usavam o WhatsApp para envios de áudio, mensagens e raramente utilização de vídeos (para não sobrecarregar o aparelho); outros usavam o Google Meet. Em uma tentativa de dar um “caráter híbrido” ao ensino, utilizou-se ainda cadernos pedagógicos, que eram entregues aos alunos que não dispunham de recursos digitais tanto na zona urbana e principalmente os da zona rural.

Quanto ao professor se sentir preparado para trabalhar online, a maioria significativa responderam que não estavam. Sabemos que a aplicação dessa metodologia de ensino requer uma infraestrutura e conhecimento; os docentes alegaram que não receberam nenhuma formação que contemplasse essa necessidade pedagógica proporcionada inesperadamente pela pandemia.

Percebemos diante disso, que proporcionar formações continuadas ao professor é assegurar que ele tenha a possibilidade de efetivação de suas atividades em momentos de crise. Caso contrário, observaremos a realidade caótica que o sistema educacional público brasileiro enfrentou no momento crítico da pandemia.

Para Antônio Nóvoa, a formação de professores deve criar as condições para uma renovação, recomposição, do trabalho pedagógico, nos planos individual e coletivo (2017, p. 1128). Em consonância com o autor, fazemos referência a Kátia Abud e José Barroso, quando pontuam que atualmente se exige de uma formação continuada, a promoção de “[...] novos pensamentos, que transformam concepções e práticas políticas, acadêmicas e de construção de conhecimentos” (BARROSO, 2010, p.85), assim como a “[...] autonomia do pensamento, da formação identitária para o exercício do sujeito livre, automotivado, que tenha condições de reagir a determinações para o ensino e aprendizagem de história” (ABUD, 2017, p. 91).

3 Como forma de preservar a identidade dos professores, foi escolhida a letra P (professor), relacionada a um numeral de equivalência a quantidade dos professores entrevistados.

É uma formação com esses elementos que pode fazer a diferença no processo de ensino e aprendizagem de História e em momentos emergenciais, capaz de suprir deficiências deixadas pela formação inicial e de promover mudanças no comportamento de docentes e discentes.

Os professores, ao serem questionados sobre o que se constitui como algo desafiador em sua prática, responderam: despertar o interesse dos alunos pelo ensino de História; tornar as aulas mais prazerosas; desconstruir a ideia de que a História estuda somente o passado; a persistência da falta de interesse dos educandos e de pais ausentes da comunidade escolar, fazer com que o aluno se sinta um sujeito histórico; a falta de materiais, de apoio de alguns gestores e de formação continuada; o acúmulo de disciplinas; não trabalhar apenas na área de formação; baixa remuneração/ desvalorização do seu trabalho.

Muitos são os desafios enfrentados por esses docentes. Em se tratando do Fundamental Anos Finais, esses desafios se constituem como barreiras de difícil transposição. Pois, parte significativa dos alunos não se interessa pelo ensino de História. Por mais que o professor, dentro de suas possibilidades, tente diversificar a aula, o desinteresse é persistente, o que é frustrante para o docente. Também há a falta de apoio para a execução de aulas extraclasse, a exemplo da aula de campo, faltando incentivo⁴ humano e financeiro.

Ademais, os professores enfrentam outro problema desafiador, desconstruir a ideia que o aluno tem, de que a História só estuda um passado remoto, que parece dissociado da sua realidade, e a “incapacidade” do aluno de se perceber como um sujeito construtor da sua história local, somado a falta de recursos de multimídias que possibilitem a diversificação da prática pedagógica.

É interessante citar o que se constitui desafiador para a professora P6.

O maior desafio hoje é o nível de leitura e escrita dos nossos alunos, os quais dificultam muito uma aprendizagem satisfatória, uma vez que a História é uma disciplina que exige domínio de leitura e interpretação, e se o aluno não desenvolver estas competências torna-se impossível a compreensão de um contexto histórico.

Esse desafio vivido pelo P6, também é vivido por todos os professores de História do município de Arari. Existem muitos alunos que não sabem ler fluentemente, logo é praticamente impossível para ele ler, analisar e compreender os fatos históricos colocados pelo livro didático ou outro texto dado pelo professor.

Ao ser perguntada se considera importante a formação continuada, a professora P15 sintetizou em sua resposta o que os demais professores pensam sobre a formação continuada:

“[...] a formação continuada é imprescindível e mecanismo que sempre apresenta algo novo e esclarecedor, além de momento de compartilhamento de experiências vividas por outros profissionais da educação, tudo isso ajuda a melhorar a qualidade do ensino de História”.

Além disso, é momento de estímulo proporcionado por um novo conhecimento, pela troca de experiência e sugestões de novas metodologias; é momento de falar da prática docente, de construção de projeto pedagógico, tudo isso é valioso para o professor e para ministração de um ensino de História de qualidade. Esse momento formativo, segundo Imbernón (2010),

4 Primeiramente, alguns gestores consideram uma aula “de fato”, aquela que é ministrada em sala de aula, com quadro branco, pincel e com o manuseio do livro didático. Não é interessante para ele que o aluno saia da sala de aula para fazer esse tipo de atividade, sob alegação de perder aula de outra disciplina. Segundo, há uma burocracia excessiva para a liberação de um meio de transporte para locomover a turma ao lugar determinado da aula de campo.

tem que ser permanente, pois possibilita ao professor amadurecimento profissional, e deve ser construído em processo colaborativo e não hierarquizado, que desenvolvendo uma identidade profissional do eu pessoal e coletivo nos permite ser, agir e analisar o que fazemos, sem ser um mero instrumento executor de tarefas.

Ao serem abordados sobre o que se constitui como algo desafiador em sua prática, as respostas, de certa forma, demonstram algumas angústias vivenciadas por eles, como: baixo rendimento em leitura, escrita e conhecimento elementar sobre História⁵; falta de recursos de multimídias, que às vezes impossibilita a ministração de uma aula diferente, que poderia estimular mais o aluno a participar do ensino de História e tornar as aulas mais prazerosas para os estudantes; falta de interesse dos educandos e dos pais⁶; falta de apoio de alguns gestores; tempo reduzido em vista do acúmulo de disciplinas por determinados professores ao ministrarem diversos componentes curriculares; baixa remuneração e desvalorização do professor; e estimular o aluno para que se sinta sujeito histórico. Também foi feita referência à falta de formação continuada, pela importância que tem no processo formativo do profissional da educação. Alguns desses fatores se repetem como respostas a diferentes perguntas feitas aos professores, notabilizando angústia, permanência ou impossibilidade de resolução dos desafios.

Ademais, a aplicação do questionário possibilitou dados importantes sobre a formação profissional docente, tais como: 1. Participação de Cursos de formação / oficinas de trabalho (por exemplo, sobre disciplinas ou métodos e/ou outros tópicos relacionados à educação; 2. Participação de conferências ou seminários sobre educação (quando os professores e/ou os pesquisadores apresentam resultados de suas pesquisas e discutem problemas educacionais); 3. Participação em uma rede de professores (network) formada especificamente para o desenvolvimento profissional dos professores; 4. Participação em pesquisa individual ou em colaboração sobre um tópico de seu interesse profissional).

Ao analisarmos as respostas percebemos que 73,3% já participaram de cursos de formação / oficinas de trabalho e 26,7% não participaram desse tipo de atividade. Ao serem questionados sobre a relevância dessas atividades formativas para a sua profissionalidade, 45,5% responderam que tiveram um significativo aprimoramento profissional e 54,5% tiveram um aceitável aproveitamento. Observamos que a maioria dos entrevistados já participou desse tipo de atividade e atribuiu razoabilidade de influência em sua prática pedagógica.

Sobre a participação em conferências ou seminários sobre educação, 53,4% nunca participaram, 46,6% já participaram. Em relação aos participantes, 43% os consideraram um momento de reflexão importante e necessário, que pôde proporcionar mudanças de atitude pedagógica, 43% ficou no patamar do razoável e 14% não vê essas atividades como algo que tenha otimizado a sua prática pedagógica.

Porém, genericamente a compreensão dos professores é que esses tipos de atividades (conferências ou seminários sobre educação) são relevantes para eles, pela oportunidade de envolvê-los em debates sobre as problemáticas educacionais, que necessariamente não ocorrem somente no palco da escola. Nelas devem-se discutir assuntos também relacionados as

5 Principalmente no 8º e 9º ano, pois o professor espera que esses alunos detenham um grau satisfatório de conhecimento, porém, é frustrante a realidade detectada por conta do desinteresse e acentuada pela pandemia.

6 Parte considerável dos pais ainda não conseguiram compreender que fazem parte da comunidade escolar, que têm responsabilidades com a aprendizagem do seu filho e que devem trabalhar em parceria com a escola, se preocupando com o desenvolvimento intelectual do seu filho. Essa falta de interesse considerável dos pais é um dos fatores que também gera baixo rendimento dos alunos e angústias para alguns integrantes da comunidade escolar.

dimensões dos docentes, dentre outros. Maurício Tardif (2005), “afirmar que não devemos levar em consideração somente o lado profissional do professor, pois, ele é também um ser psicológico e psicossociológico; tem emoções, é conflitante, tem problemas, ou seja, é um ser humano”. Tardif salienta a dimensão psicológica e psicossociológicas desse profissional que tem adoecido muito por conta de suas atividades laborais. Há uma necessidade urgente de debates sobre a saúde do professor, que tem sido vitimado principalmente pela ansiedade, depressão e doenças psicossomáticas.

Na história da educação de Arari, tivemos apenas quatro eventos dessa modalidade, dois sob iniciativa do Sindicato dos Trabalhadores Públicos (SINTRAP), em parceria com a Secretaria Municipal de Educação (SEMED), que também já realizou duas conferências educacionais (2018 e 2022). Provavelmente, quando ocorreram esses eventos, os professores entrevistados não participaram, seja pelo fato de não pertencerem ao quadro efetivo da SEMED ou por outro motivo. Além disso, as conferências⁷ não foram abertas a todos os professores, mas a um grupo restrito e representantes de vários seguimentos da sociedade. .

Também foi perguntado ao professor de História se ele participou de algum momento de uma rede de professores (network)⁸, formada especificamente para o seu desenvolvimento profissional: 67% respondeu que não e 33% sim; dos que participaram, 60% considerou essa experiência de pouca importância para o seu desenvolvimento profissional, 20% a considerou de grande importância e 20% não respondeu. Em suma, poucos professores participaram desse tipo de atividade e a maioria significativa não achou proveitosa para a sua prática.

Ao serem questionados sobre a participação em pesquisa individual ou em colaboração sobre um tópico de seu interesse profissional, 100% dos professores entrevistados responderam que já participaram dessa atividade, até mesmo porque é impossível ministrar um ensino de História de qualidade se não houver uma pesquisa individual, principalmente quando se trata de alguns temas sensíveis. Pois, a pesquisa individual é imprescindível para o desenvolvimento do trabalho docente e obtenção de bons resultados.

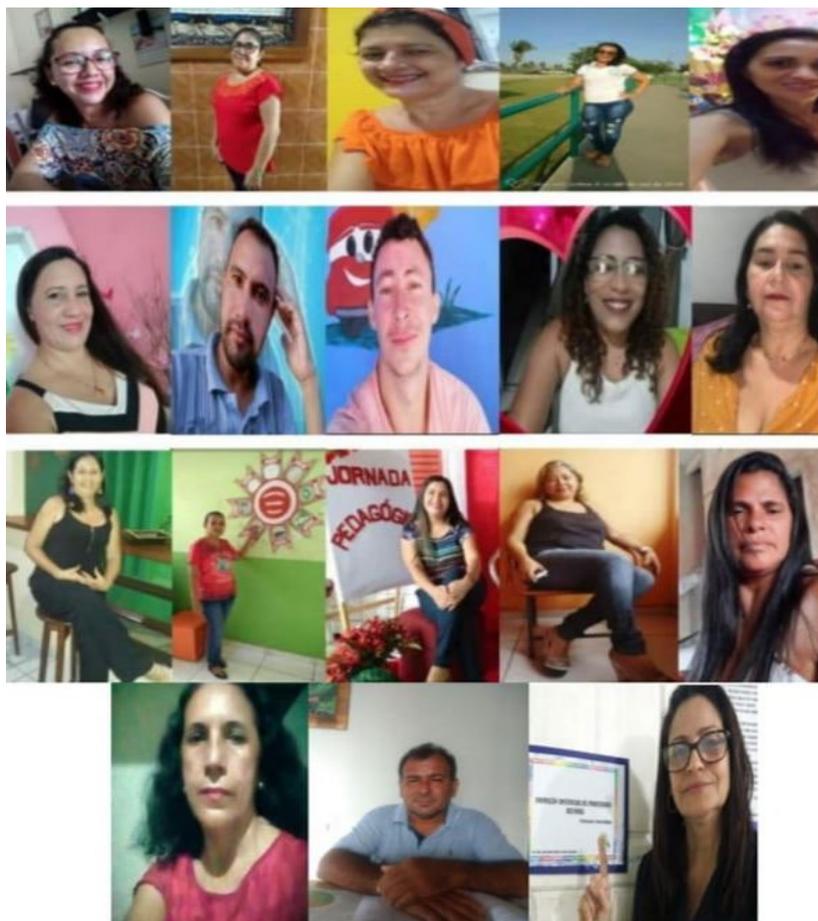
O último item perguntamos se o docente já teve orientação e/ou observação feita por um colega e supervisão, organizadas formalmente pela escola: 26,5% não responderam à pergunta e 33,5% responderam que não participaram, contra 40%; desse percentual, 16,5% considerou não ter nenhum impacto em seu aprimoramento profissional, 33% grande impacto, 16,5% médio impacto e 16,5% pequeno impacto.

O índice de professores que não participaram dessas atividades, é muito alto, 51,5% dos docentes afirmaram jamais ter participado desses tipos de experiências; 48,5% sim. Considerando que tais experiências contribuem significativamente para o processo formativo do profissional da educação, cremos que para o professor desempenhar um bom trabalho ele tem que participar de cursos de formação continuada e oficinas que lhe possibilitem melhorias em sua práxis. Assim como, participar de conferências ou seminários sobre educação, para que possa ficar conectado às mudanças ocorridas no sistema educacional. Também compreendemos que um professor não pode lecionar sem fazer pesquisa individual sobre um tópico de seu interesse profissional, devido à importância que essa atividade gera na prática docente.

7 Infelizmente poucos professores participaram das duas Conferências Municipais de Educação, pois as mesmas teriam que ter representantes de vários segmentos da sociedade. Além disso, o tempo determinado para as discussões foi insuficiente, proporcionando uma superficial análise da educação do municipal.

8 Rede de pessoas que trocam informações, experiências e conhecimentos entre si, gerando benefícios para todos os envolvidos.

Professores de História da rede municipal de Arari-MA



Fonte: Acervo pessoal, 2021⁹.

Autoimagem e autoestima do professor de História de Arari-MA, do Ensino Fundamental

O segundo questionário foi extraído do livro *Formação continuada de professores*, de Francisco Imbernón (2010, p. 75). A escolha desse questionário ocorreu devido à coerência das perguntas em relação à realidade do professor de História arariense e a avaliação do professor feita pelo Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), de 2019. Ele funciona como um excelente mecanismo de sondagem, pois possibilita a obtenção de dados fundamentais para uma análise do professor de História de Arari, já que são perguntas pontuais sobre a vivência desse docente, tanto no âmbito particular como no profissional.

As duas perguntas iniciais, sobre a *autoimagem*, nos fornece uma visão panorâmica de quem é esse professor e as conexões estabelecidas entre o profissional e o pessoal.

As indagações sobre a *autoestima* oferecem informações especificamente sobre o profissionalismo docente, como este está agindo, se está satisfeito em seu trabalho, o que se constitui como fonte de alegria em sua profissão e o que coloca em cheque o seu profissionalismo.

Observando os questionamentos de Imbernón, sobre o professor, percebemos que seria interessante aplicá-lo ao professor de História de Arari - MA. Dessa forma, consideramos esse questionário de grande relevância para o desenvolvimento do corpo desta seção, pois o carac-

⁹ A última foto do mural é da autora desta sessão.

terizamos como instrumento de sondagem que nos forneceu dados importantes sobre “quem é” e “o que pensa” o professor de História de Arari, a partir do perfil descrito através desse questionário, dividido em 2 itens: a autoimagem e autoestima que se subdividem em 6 perguntas. Como mostra o quadro a seguir.

Questionário sobre a autoimagem, autoestima, motivação, percepção da tarefa e perspectivas futuras do professor

Itens	Perguntas
Autoimagem	Quem sou eu como professor?
Autoimagem	Que conexões existem com quem sou como pessoa?
Autoestima	Até que ponto estou agindo bem no meu trabalho?
Autoestima	Estou satisfeito(a) comigo mesmo(a) como professor(a)?
2. Autoestima	Quais são as fontes de minha alegria e satisfação?
2. Autoestima	O que me faz duvidar de minhas qualidades pessoais e profissionais?

Fonte: Francisco Imbernón, 2010, p. 75.

Referindo-se à questão **1a**, (quem sou eu como professor?) sobre a autoestima, genericamente os professores responderam que se percebem como aquele que é mediador, que instrui, que motiva, que orienta, que é flexível, que leva em consideração a escolha do aluno, que é responsável, que executa o que atribui como melhor para os alunos, é preocupado com a aprendizagem, gosta da docência e se acha esforçado e dedicado. Também se considera um pouco de tudo, pois o professor, por trabalhar com a diversidade/dificuldades das situações cotidianas, tem que desenvolver habilidades que vão além do exercício da docência.

Quando as várias ações e saberes se mesclam em benefício do processo educacional, pontua Mauricio Tardif: “[...] os gestos são fluidos e os pensamentos, pouco importam as fontes, convergem para a realização da intenção educativa do momento” (2002, p.64).

O posicionamento de Tardif é coerente com a fala dos professores de História ararienses, percebido ao analisarmos as respostas. Esses professores se veem como profissionais comprometido com o ensino de sua disciplina, como um coordenador ou orientador do conhecimento histórico em sala de aula. Demonstra também que é flexível, que não se acha o detentor do conhecimento e que leva em consideração o conhecimento prévio do aluno. Ademais, esses docentes tem habilidades para lidar com os problemas emocionais dos alunos em algumas circunstâncias, assumindo funções que não são próprias de suas atividades.

O professor P11 coloca que [...] “na sala de aula sou um pouco de tudo: pai, irmão, amigo, psicólogo”. Isso demonstra que às vezes, é necessário que os professores assumam posicionamentos diversos, pois se veem envolvidos de tal forma que acabam o desempenhando, mesmo que superficialmente. Novamente fazemos referência a Tardif (2002, p. 64), agora a acerca dos acontecimentos na escola, que possam “[...] convergir para a realização da intenção educativa do momento”.

Ainda em relação a autoimagem, na pergunta **1b** (que conexões existem com quem sou como pessoa?), as respostas dos professores nos fez compreender que as conexões que se

estabelecem entre ser um profissional da educação e a sua vida particular é que o conhecimento adquirido como professor ajuda-os no processo de transformação pessoal. Pois, não é possível dissociar o conhecimento adquirido pelo professor em formação inicial ou continuada da sua vida pessoal, ou vice-versa; são esses conhecimentos que formam a “identidade docente”¹⁰.

As conexões acontecem também na prática da solidariedade, na convicção de que ela é uma ferramenta responsável no processo de ensino e aprendizagem que consegue estabelecer pontes entre o aprender e o compartilhar o aprendido com seus alunos, sem anular o convencimento de seus valores e crenças. Apesar das limitações e angústias vivenciadas por esses professores, ficou evidente que eles gostam do exercício de suas atividades práticas.

Algo que percebemos como característico desses professores é a empatia, retratada na fala da professora P6 quando disse: “[...] tenho empatia com a realidade que meus alunos enfrentam em seu dia a dia”. Percebemos que esse sentimento tem gerado conexões entre docentes e discentes que ultrapassam a sala de aula, gerando aproximação entre ambos, possibilitando um trabalho que vai além do ensino de História, e que é comprometido com a formação intelectual, moral e às vezes física¹¹. Faço referência a José Barroso, quando observa que: “O exercício da docência não pode resumir-se à aplicação de modelos previamente estabelecidos, ele deve dar conta da complexidade que se manifesta no contexto da prática concreta” (BARROSO, 2010, p. 81). A realidade da sala exige um comprometimento do professor. Para além do seu profissionalismo, entra a dimensão “psicológica e psicossocial” dos agentes envolvidos no território escolar, como nos lembra Francisco Imbernón.

Em se tratando da autoestima (referente a **2c** a **2f**), a pergunta **2c** (*Até que ponto estou agindo bem no meu trabalho?*) nos forneceu as respostas: quando me esforço, quando ajo de forma responsável, comprometida, quando faço o que gosta, quando oriento o aluno de tal forma a contribuir para transformá-lo em um cidadão reflexivo, quando tenho consciência de que o trabalho desenvolvido fará diferença na vida do discente, quando alcanço os objetivos profissionais. Também foi colocado em suas respostas que é necessário que o professor esteja bem na sua vida pessoal para que possa desenvolver um bom trabalho. Essa última resposta, mais uma vez, nos remete à dimensão psicológica e emocional do docente.

Ao refletirmos sobre essas respostas, compreendemos que o professor de História do município de Arari tem uma prática satisfatória, age bem diante dos desafios, quando o seu trabalho requer maior esforço, compromisso e responsabilidade educacional. Esses fatores expressam o propósito do professor “[...] no momento em que tem consciência do que está realizando fará diferença na vida de cada aluno”, como diz a professora P5. Portanto, esse professor se sente bem em seu trabalho, quando atinge o propósito de fazer a diferença na vida do discente, através do ensino.

Ao analisarmos as respostas dadas pelos docentes a pergunta **2d** (*Estou satisfeito (a) comigo mesmo(a) como professor(a)?*), nos prolongaremos na análise, levando em consideração como o professor se percebe e as diversas circunstâncias que influenciam sua satisfação ou não no magistério. É notória certa angústia, um misto de frustração dos ao construírem assertivas

¹⁰ Quando falamos de “identidade docente” não queremos apenas vê-la como traços ou informações, que individualizam ou distinguem algo, mas como resultado da capacidade reflexiva. É a capacidade do indivíduo (ou do grupo) de ser objeto de si mesmo que dá sentido à experiência, integra novas experiências e harmoniza os processos, às vezes contraditórios e conflituosos, que ocorrem na integração do que acreditamos que somos com o que queríamos ser; entre o que fomos no passado e o que hoje somos (IMBERNÓN, 2009, p. 83).

¹¹ Quando os professores tem conhecimento desses tipo de situação, se articulam para tentar minimizar a problemática que envolve o aluno. Uma das maneiras em que os vínculos afetivos são estabelecidos.

como: tristeza proporcionada pela falta de interesse dos alunos de querer aprender, associada a indisciplina; atividades e conteúdos excessivos (o que impossibilita o alcance satisfatório dos objetivos); doenças psicológicas e psicossomáticas.

A professora P13, ao ser questionada sobre estar satisfeita ou não como docente, expressa muito bem em sua resposta algumas inquietações vivenciadas pelo professor, quando frisa:

Nem sempre, as vezes me sinto entristecida porque nesses quase 20 anos de profissão a sociedade mudou muito, nossos alunos parecem que perderam o gosto pela escola, ou a escola não conseguiu acompanhar o novo ritmo dos alunos. Com o aumento de conteúdo, não conseguimos alcançar todos os objetivos e vejo que não existe mais uma competição saudável entre os alunos. No entanto, há dias e alunos que nos desafiam e questionam, isso traz vida a aula e nos dá motivação.

O acúmulo de trabalho é um fator estressor, que pode desencadear vários sentimentos desagradáveis no docente, como a tristeza sentida pela professora P13. Também gera a incapacidade desse docente investir em si mesmo, deixando de agregar novos ou conhecimentos necessários mediante a mutável realidade que vivemos, seja pela falta de tempo ou pelo cansaço; também é perceptível o sentimento de descontentamento do professor quando ele não consegue transformar o ensino de História em algo interessante, inovador e atrativo, prevalecendo o desinteresse do aluno pelas aulas. Ademais, a falta de apoio de alguns gestores¹² para execução de certas atividades se constitui como motivo também de insatisfação.

Quanto ao item da autoestima, relacionado à pergunta **2e** (Quais são as fontes de minha alegria e satisfação?), os docentes deixaram claro que as fontes de alegria e satisfação ocorrem quando observam a participação ativa dos alunos nas aulas, mostrando interesse pelo conteúdo e tendo um bom desempenho, quando percebem que o aluno está aprendendo de fato, quando ele questiona, discorda ou contra argumenta coerentemente. Dessa forma, o docente percebe que seus objetivos estão sendo alcançados. Também é citado como fonte de alegria do professor, Deus e a família, vistos como base do ser humano e fonte de inspiração.

Percebemos que para esse professor, o que lhe proporciona satisfação é observar o desenvolvimento intelectual do seu aluno. É compensador ver que seus objetivos pedagógicos estão sendo alcançados. É perceptível que o docente trabalha uma relação presente com o aluno, mas cria perspectivas futuras em relação a ele, que podem lhe proporcionar alegria e satisfação, isso aparece na fala da professora P5: “quando vejo o meu trabalho transformando o aluno em um cidadão responsável e ativo dentro da sociedade”, ou seja, a professora se sente satisfeita quando observa mudança no comportamento do discente, ao se tornar um cidadão pensante e ativo. Quando isso não acontece por conta do desinteresse já mencionado, gera insatisfação, proporciona tristeza e ao longo do tempo adoecimento de alguns docentes.

Quanto à pergunta **2f** (O que me faz duvidar de minhas qualidades pessoais e profissionais?), foi manifesto quase que na totalidade o lado profissional, e se percebe mais uma vez angústia, proporcionada pelas seguintes situações: quando não consegue despertar o interesse, quando os alunos não conseguem entender as aulas ou não valorizam o ensino de História, quando o aluno não alcança o rendimento satisfatório - esperado pelo professor que muitas

12 Para alguns gestores, o professor executa um bom trabalho quando está ministrando o conteúdo programático do livro didático. Quando o docente apresenta atividades variadas, colocando um pouco o “livro didático de lado”, é chamado à atenção para voltar ao “curso normal das atividades”, ou então, quando raramente apresenta algo novo, que possa tornar o ensino de História interessante, não tem o mesmo apoio que é destinado ao professor de Língua Portuguesa e Matemática. Essa indiferença ou incompreensão por parte dos gestores leva a algumas insatisfações, registradas em várias respostas do questionário aplicado.

vezes se questiona sobre a sua forma de ensinar História -; assim como o desrespeito que às vezes enfrenta como pessoa e profissional, gerando indignação, principalmente quando se doa e não há reconhecimento do seu esforço, porém, prevalece uma espécie de indiferença que o angustia.

A professora P15 em resposta à pergunta 2f, afirma: “[...] quando vejo que o aluno não alcançou satisfatoriamente os objetivos propostos em relação aos conteúdos abordados, quando realizo as avaliações e os resultados obtidos não condiz com o que eu esperava”. A constatação de resultados negativos mexe com a estrutura do professor, é desmotivador quando o retorno esperado não ocorre, mas também pode servir para uma autoanálise e a possibilidade de rearticular seu planejamento e metodologia. Porém, contar com certa ajuda para lidar com essa situação é necessário. O professor vive um momento ímpar na sala de aula, proporcionado pela mudança de comportamento do alunado. Ter um olhar sensível para o professor e suas dificuldades reais em sala de aula é emergencial.

Finalizamos o item autoestima do professor, percebendo que ela está muito relacionada ao nível de interesse e aprendizagem do seu aluno. Diante do exposto, é necessário criar uma dinâmica no ensino de História que deve ser realizada através de formações periódicas, que atendam a real necessidade desses professores, para que possa ajudar no processo de despertar o interesse do aluno pelo ensino de História e que possibilite ao professor um estado de satisfação profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da realidade difícil que os professores enfrentam no palco da sala de aula, se esforçam para torná-lo um lugar mais atraente ao aluno, usando sua criatividade. Tem ensejo de uma sala de aula em que o discente tenha interesse pelo ensino de História, que os gestores sejam mais parceiros, quer ser mais valorizado, que as políticas educacionais contemplem igualmente tanto a zona urbana quanto a zona rural. Quer ser visto como um ser humano dotado de sensibilidade, emoções, sentimentos e que tem problemas, não ser só visto como um mero profissional.

Os professores de História de Arari-MA tem consciência, que para a sociedade ser transformada necessita de uma educação de qualidade e, que para isso, um dos fatores relevante é o investimento na formação continuada que possa lhe agregar conhecimentos e metodologias, objetivando a melhoria da sua prática, pois ela é um “[...] processo sempre inacabado, construído ao longo da trajetória pessoal e profissional, é multifacetado, dialógica e complexa. Nela se pretende encontrar respostas para os desafios do trabalho docente” (MOITA, 1995, p. 115). Percebemos que mesmo essa formação sendo escassa, o professor estuda, vai à busca de novos conhecimentos para lhe respaldar com os conteúdos do livro didático. Ele em determinados momentos se sente um pouco de tudo, ao lidar com diferentes situações na comunidade escolar a qual pertence, levando em consideração, que na construção da sua profissionalidade docente, o dimensiona a “compreensão de que não se atém ao ponto de vista técnico, científico ou pedagógico” (ALBUQUERQUE, 2013), mas também as dimensões psicológicas e psicossociológicas.

REFERÊNCIAS

- ABUD, Kátia Maria. Um projeto de formação continuada para professores de história. In: CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. (Org.). Formação continuada de professores: uma releitura das áreas do continuada. São Paulo, SP. São Paulo: Cengage, 2017, p. 89 -100.
- ALBUQUERQUE, Severino Vilar de. Formação continuada de professores no estado do Maranhão: do Plano de Desenvolvimento da Escola (PDE) ao Plano de Ações Articuladas (PAR). 2013.
- BARROSO, José. Trajetórias e perspectivas da formação de educadores. São Paulo: Ed. Da Unesp, 2010.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de História: fundamentos e métodos. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.
- IMBERNÓN, Francisco. Formação continuada de professores (recurso eletrônico)/Francisco Imbernón; tradução Juliana dos Santos Padilha.- Dados eletrônicos. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- _____. Formação permanente do professorado: novas tendências. Tradução de Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Cortez, 2009.
- MOITA, Maria da Conceição. Percursos de formação e de transformação. In: NÓVOA, António (org.). Vidas de professores. Portugal: Porto, 1995.
- NÓVOA, António. Os Professores e a sua Formação num Tempo de Metamorfose da Escola. Educação & Realidade. [online]. Porto Alegre, v. 44, n. 3, e84910, 2019. ISSN 2175-6236. <https://doi.org/10.1590/2175-623684910>.
- NOVOA, António. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. Cad. Pesqui. [online]. 2017, vol.47, n.166, pp.1106-1133. ISSN 1980-5314. <http://dx.doi.org/10.1590/198053144843>.
- TARDIF, M.; LESSARD, C. O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis: Vozes, 2005.
- _____, M. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2002.